



**Especialização em Educação Especial - Déficit Cognitivo e
Educação de Surdos**

**PRÁTICAS EDUCATIVAS COM ALUNO COM
SÍNDROME DE DOWN NA ESCOLA ESTADUAL DE
DIVINOLÂNDIA DE MINAS**

ARTIGO MONOGRÁFICO DE ESPECIALIZAÇÃO

Ana Paula dos Reis Camargos

**Divinolândia de Minas
2010**

**PRÁTICAS EDUCATIVAS COM ALUNO COM SÍNDROME DE
DOWN NA ESCOLA ESTADUAL DE DIVINOLÂNDIA DE
MINAS**

por

Ana Paula dos Reis Camargos

**Artigo apresentado no Curso de Especialização em
Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação de
Surdos, do Centro de Educação da Universidade Federal de
Santa Maria como requisito parcial para obtenção do grau
de Especialista em Educação Especial.**

Prof. Ms. Cleidi Lovatto Pires
(Presidente/Orientador)

**Divinolândia de Minas, Minas Gerais, Brasil
2010**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Especialização em Educação Especial - Déficit Cognitivo e
Educação de Surdos**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Artigo
Monográfico de Especialização

**PRÁTICAS EDUCATIVAS COM ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN
NA ESCOLA ESTADUAL DE DIVINOLÂNDIA DE MINAS**

elaborada por

Ana Paula dos Reis Camargos

como requisito parcial para obtenção do grau de

***Especialista em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de
Surdos***

COMISSÃO EXAMINADORA:

**Prof. Ms. Cleidi Lovatto Pires
(Presidente/Orientador)**

**Esp. Alexandra Santos Nunes
(Parecerista - UFSM)**

**Ms. Fátima Terezinha Lopes da Costa
(Parecerista – UFSM)**

**Divinolândia de Minas, Minas Gerais, Brasil
16/12/2010**

MENSAGEM

Um dia aprendi...

Aprendi que, por pior que seja um problema
ou uma situação, sempre existe uma saída.
Aprendi que é bobagem fugir das dificuldades.

Mais cedo ou mais tarde,
será preciso tirar as pedras
do caminho para conseguir avançar.

Aprendi que, perdemos tempo nos
preocupando com fatos que
muitas vezes só existem na nossa mente.
Aprendi que, é necessário um dia de chuva,
para darmos valor ao Sol.

Mas se ficarmos expostos muito tempo, o Sol queima.

Aprendi que, heróis não são aqueles
que realizaram obras notáveis.

Mas os que fizeram o que foi necessário ,
assumiram as consequências dos seus atos.

Aprendi que, não vale a pena se tornar
indiferente ao mundo e às pessoas.

Vale menos a pena, ainda, fazer coisas para conquistar migalhas de atenção.

Aprendi que, não importa em quantos pedaços meu coração já foi partido.

O mundo nunca parou para que eu pudesse consertá-lo.

Aprendi que, ao invés de ficar esperando
alguém me trazer flores,
é melhor plantar um jardim.

Aprendi que, amar não significa transferir aos outros a responsabilidade de me fazer
feliz. Cabe a mim a tarefa de apostar nos meus talentos e realizar os meus sonhos.

Aprendi que, o que faz diferença
não é o que tenho na vida, mas QUEM eu tenho.

E que, boa família são os amigos que escolhi.

Aprendi que, as pessoas mais queridas
podem às vezes me ferir.

E talvez não me amem tanto
quanto eu gostaria, o que não significa
que não me amem muito,
talvez seja o Maximo que conseguem.

Isso é o mais importante.

Aprendi que, toda mudança inicia
um ciclo de construção,
se você não esquecer de
deixar a porta aberta.

Aprendi que o tempo é muito
precioso e não volta atrás.

Por isso, não vale a pena resgatar o passado.
O que vale a pena é construir o futuro.
O meu futuro ainda está por vir.
Foi então que aprendi que
devemos descruzar os braços e vencer o medo de partir em busca dos nossos
sonhos.

Sueli Pioli Bigucci

Fonte: www.microfone.jor.br/globo/um_dia_aprendi.htm. Acesso em
04/06/2010

Agradeço a Deus, por ter me dado a oportunidade de mais uma conquista. Aos meus pais, pelo incentivo e confiança em minha capacidade que me ajudaram nesta trajetória tão importante. A José Camargo, pela paciência e estímulo. A todos que de alguma forma contribuíram para concretização desta conquista.

RESUMO

Artigo de Especialização
Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação de Surdos
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

Práticas Educativas com aluno com síndrome de Down na Escola Estadual de Divinolândia de Minas

Autora: Ana Paula dos Reis Camargos

Orientadora: professora Ms. Cleidi Lovatto Pires

CAMARGOS, Ana Paula dos Reis. Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação de Surdo.
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil.

O presente trabalho apresenta reflexões acerca da Síndrome de Down e Práticas educativas com alunos que possuem tal síndrome. Através de revisão bibliográfica e com embasamento teórico objetivou-se compreender as causas, características, aspectos pedagógicos, metodológicos bem como a interferência da família no desenvolvimento da criança com Síndrome de Down. O trabalho está distribuído em capítulos, e aborda inicialmente de uma de revisão bibliográfica sobre a Educação Especial, Síndrome de Down, suas causas e características. Na seqüência problematiza o Estudo de Caso a partir das considerações da autora diante dos resultados obtidos. Com isso, espera-se compreender quais são as práticas educativas relevantes para que crianças com Síndrome de Down desenvolvam-se satisfatoriamente na escola, considerando os caminhos cabíveis para que a inclusão de alunos com essa síndrome na escola regular

Palavras-chave: Síndrome de Down; família; escola; práticas educativas.

ABSTRACT

Article Specialization
Specialization Course in Special Education - Cognitive Impairment and Deaf
Education
Universidade Federal de Santa Maria, Brazil

Educational practices with students with Down syndrome in the State School of Mines Divinolândia

Author: Ana Paula dos Reis Camargos
Advisor: Professor Cleidi Lovatto Ms. Pires

CAMARGOS, Ana Paula dos Reis. Specialization Course in Special Education - Cognitive Deficits and Deaf Education. Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brazil.

This paper presents reflections on Down Syndrome and educational practices with students who have such expertise. Through literature review and theoretical framework aimed to analyse the situation of children who have Down Syndrome both in society at school and within the family, also sought to understand the causes, characteristics, pedagogical aspects, and methodological issues will school. The work distributed in chapters, deals with the review of the literature on Down Syndrome, its causes, characteristics, case study, the author's considerations on the results. They are expected to understand what are the educational practices relevant to children with Down Syndrome develop satisfactorily in school and ways to make reasonable efforts to include students with syndrome actually happens in the common school.

Keywords: Down Syndrome; family; school; practice.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	9
2 CAMINHO DA INVESTIGAÇÃO	11
3 O ENFOQUE DA EDUCAÇÃO ESPECIAL.....	13
4 A INCLUSÃO DO ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN NA CLASSE REGULAR.....	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	27
ANEXO.....	29

1 APRESENTAÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar a Inclusão dos alunos portadores de Síndromes de Down numa escola estadual do município de Divinolândia de Minas, como é feita esta inclusão, a metodologia utilizada pelo professor para trabalhar com este aluno, o planejamento, o currículo da escola e a mudança na arquitetura escolar para facilitar a locomoção dos alunos com deficiência física, compreender o que é a Síndrome de Down, quais são suas causas, características e como o professor pode trabalhar com o aluno diante dessa especialidade e da realidade do ensino brasileiro.

De acordo com o documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria Ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007, colocado na Revista Educacional Especial de 2008 (p. 7-17):

A educação especial se organizou tradicionalmente como atendimento educacional especializado substituindo o ensino comum, deixando visível diferentes entendimentos que levaram à criações de instituições especializadas, escolas especiais. Essa organização, baseada no conceito de normalidade/anormalidade, determina formas de atendimento clínico terapêuticos fortemente ancorados nos testes psicométricos - que segundo (<http://www.cursosnocd.com.br/recursos-humanos/testes-psicometricos.htm>, acessado dia 23/06/10 às 17:04) 'constituem uma medida objetiva e padronizada de uma amostra de comportamento do que se referem às aptidões da pessoa. Os testes Psicométricos são utilizados como uma medida de desempenho e se baseia em estatísticas de comparação, sendo aplicados sob condições padronizadas.'- que, por meio de diagnósticos, definem as práticas escolares para os alunos com deficiência (Documento elaborado pelo grupo de Trabalho nomeado pela Portaria Ministerial nº 555, 2008, p. 9 e 10)

No que se refere ao atendimento especializado às pessoas com deficiência, no Brasil existem instituições como Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), Pestalozzi, instituição especializada no atendimento às pessoas com deficiência mental entre outras que atenderam e atendem essas pessoas. A Constituição Federal, promulgada em 1988, no artigo 208, inciso III garante atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino (BRASIL, 1988). Nesse sentido, a lei de Diretrizes e Bases, nº 9394/96, se ajusta à legislação federal e aponta que a educação das pessoas com deficiência deve dar-se preferencialmente na rede regular de ensino e garante que é dever da escola

receber qualquer aluno, com isso crianças com deficiências pode estudar em escolas da rede regular de ensino.

Segundo as Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica:

Todos os alunos, em determinado momento de sua vida escolar, podem apresentar necessidades educacionais especiais, e seus professores, em geral, conhecem diferentes estratégias para dar respostas a elas. No entanto, existem necessidades educacionais que requerem da escola uma série de recursos e apoios de caráter mais especializados que proporcionem aos alunos meios para acesso ao currículo (BRASIL, 2001, p. 33).

Para oferecer um ensino de qualidade a todos os educandos, inclusive para os que têm alguma deficiência ou problema que afete a aprendizagem, a escola precisa reorganizar sua estrutura de funcionamento, metodologia e recursos pedagógicos, o educador deve elaborar atividades e práticas educativas que auxiliem no desenvolvimento dessas crianças, o currículo não deve estar pré-definido, mas levar em consideração a diversidade de características e necessidades de todos os alunos e ajustar-se ou expandir-se quando for necessário, deve conscientizar e garantir que seus profissionais estejam preparados para essa nova realidade.

Diante disso, pretende-se discutir sobre o assunto, buscando-se novos conhecimentos e experiências que contribuam para o desenvolvimento do aluno com Síndrome de Down.

O trabalho será desenvolvido a partir de referencial teórico e dividido em capítulos que abordarão assuntos ligados às observações em sala de aula, às causas, características, aspectos pedagógicos e metodológicos relacionados à Síndrome de Down, por fim há uma conclusão diante do que foi discutido frente às observações das práticas em sala de aula.

2 CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO

O trabalho foi realizado numa escola estadual do município de Divinolândia de Minas, foi criada para atender alunos de 5ª a 8ª séries, pela lei Municipal N.º 13, em 30 de Dezembro de 1963, e autorizada pela portaria N.º 29 de 31 de abril de 1964, com a denominação de "Ginásio Municipal".

A escola passou a estender seu ensino até o nível de 2º grau, pelo decreto de criação N.º 2566 de 13/02/86, com autorização pela portaria 174.577, de 22/02/86.

A Escola Estadual de Divinolândia de Minas trabalha com três níveis de ensino: Ensino Fundamental, 6º ao 9º ano, distribuídos em 20 turmas, o Ensino Médio, de 1º ao 3º ano, tendo 08 turmas, 01 turma da EJA – Educação de Jovens e Adultos, o Projeto Acelerar para Vencer (PAV)) com 02 turmas e o Pós Médio.

Para o desenvolvimento de suas atividades, a instituição operacionaliza, administrativa e pedagogicamente, seu trabalho por meio de uma equipe de 85 profissionais. Esses profissionais estão distribuídos da seguinte forma: a administração geral é composta por 01 diretor, 02 vice-diretores, 03 especialistas de educação que tem a função de coordenar o trabalho pedagógico, desenvolver ações para melhoria do trabalho do professor em sala de aula, elaborar e desenvolver projetos pedagógicos e orientar os professores. A equipe de funcionários administrativos de apoio compõe-se de 01 secretária escolar, 06 auxiliares de secretaria, 12 serventes escolares, 10 auxiliares de serviços gerais. A instituição possui em seu quadro 50 professores, atuam no 6º ao 9º ano e Ensino Médio, 1º, 2º e 3º anos.

O prédio da escola foi construído em uma área de 16.200 m². Está dividido em 05 blocos. Cada bloco contém: 1º bloco: 03 salas, 2º bloco: 04 salas, 3º bloco: 04 salas, 4º bloco: 02 salas, 5º bloco: 05 salas. Dispõe de 14 salas para o Ensino Fundamental e Médio. No geral, a rede física apresenta-se em ótimo estado de conservação. A escola foi ampliada com mais 02 pavilhões tendo um pavilhão com 03 salas de aula e 02 banheiros e o outro com 02 salas e um banheiro para deficiente físico, a rede física da escola atende aos padrões da educação inclusiva, pois, construíram rampas para facilitar o acesso de cadeirantes. Tal mudança facilitou a locomoção dos alunos que apresentam deficiência física.

Na Escola Estadual de Divinolândia de Minas existem alunos deficientes, físicos, mentais, auditivos e 01 com Síndrome de Down, a referida escola não conta com profissionais especializados, para trabalhar com estes alunos, porém este ano alguns professores estão fazendo um curso de atualização em Educação Inclusiva para profissionais da Rede Pública de ensino de Minas Gerais - "Inclusão: Fazendo Diferença na Educação", é um curso virtual, oferecido pela PUC Minas com o apoio do governo de Minas Gerais.

Para realizar este trabalho foram feitas entrevistas com a professora SMS e com a mãe ASC do aluno TSC.

Foram sujeitos da pesquisa:

1 – A professora SMS formada em Pedagogia tem quatorze anos de atuação no magistério e trabalha há quatro anos com pessoas deficientes na escola.

2- A mãe ASC, professora e formada em Educação Física, exerce a profissão há doze anos em uma escola municipal de Divinolândia de Minas e atualmente está trabalhando com Educação Física em uma escola estadual do município que por sinal é a que o filho está estudando no momento.

3 O ENFOQUE DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Por Educação Especial, modalidade da educação escolar, entende-se um processo educacional definido por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais, em todas as etapas e modalidades da Educação Básica (BRASIL, 2001, p. 39).

A inclusão de crianças e adolescentes com deficiência auditiva, física, mental, visual e múltipla sempre foram questionadas, mas recentemente ganhou um novo rumo em nosso país e no mundo. De acordo com as políticas públicas do Governo Federal, essas crianças e adolescentes não devem mais ficar segregadas nas escolas especiais e precisam estudar em escolas comuns, juntamente com as outras crianças.

Nas últimas décadas, em consequência dos avanços das ciências e tecnologias, novas formas de educação escolar vêm surgindo, com alternativas menos exclusivas e de absorção desses alunos pelos sistemas de ensino. Normas e acordos internacionais e nacionais sobre educação de qualidade para todos foram aprovados, vale destacar com a Constituição Federal (1988), a Declaração de Educação para todos (1990), Declaração da Salamanca (1994), LDB n 9394/96, Decretos e Legislações.

A Constituição Federal de 1988, no seu artigo 206, inciso I, estabelece a “igualdade de condições de acesso e permanência na escola” como um dos princípios para o ensino e garante como dever do Estado, a oferta do atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino.

Em 1990 – Conferência Mundial sobre Educação para Todos (Jontien, Tailândia): recomenda especial atenção às necessidades básicas de aprendizagem das pessoas com deficiência e a adoção de medidas para assegurar-lhes igualdade de acesso à educação como parte integrante do sistema educacional. (MEC, SEESP, EDUCAR NA DIVERSIDADE, MATERIAL DE FORMAÇÃO DOCENTE, 2007, p. 58)

De acordo com A Declaração de Salamanca: “Todas as crianças de ambos os sexos, têm direito fundamental à educação e que a elas deve ser dada a oportunidade de obter e manter um nível aceitável de conhecimentos”(UNESCO,

1994, p. 10).

Embasado nesta concepção, a sociedade capitalista que tem como principal meta a produção de riquezas, não percebe na pessoa com deficiência a capacidade para o trabalho e a produção, com isso o mesmo é afastado da convivência no meio social e as instituições filantrópicas passam a cuidá-los com o objetivo de torná-los capazes de produzir, normalizando-os.

Ocorre que tal maneira de ‘tratar’ os deficientes não possibilita seu pleno desenvolvimento social, uma vez que afastados da sociedade e da família, os mesmos muitas vezes têm apenas tratamentos clínico-terapêuticos que os afastam de práticas pedagógicas.

Nesta direção como afirma Sasaki (2002), a Educação Especial ainda lembra um sistema geral e que funciona apenas junto às escolas especiais e classes especiais. O que mostra que prevalecem em muitos lugares atendimentos fora das escolas normais e não junto às mesmas. Isto é, alunos deficientes que ainda só freqüentam escolas especiais. Assim, as atividades da educação especial, são desenvolvidas exclusivamente em escolas ou salas separadas. E os discentes de tal educação se resumem em crianças, adolescentes, jovens e até adultos com deficiência. Não ocorrendo, portanto a interação com a diversidade cultural e de alunos, vivenciadas nas escolas comuns.

Esta concepção, de acordo com o autor, foi superado já na Lei nº 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) quando diz que a educação especial é “a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais”.

No mundo contemporâneo a educação especial deve ser realizada em consonância com a escola normal, pois em contato com a diversidade cultural e com todo tipo de criança, o aluno tem mais chance de desenvolver com maior equidade, sem ser excluído da sociedade.

As atividades educacionais especiais, mesmo sendo diferenciadas não devem ser trabalhadas de forma isolada, mas sim de maneira a fazer parte de uma metodologia abrangente da educação, cumprindo seus objetivos globais. Precisam ser integrantes, uma vez que de acordo com a Política Nacional de Educação Especial de 2008 e a LDB 9.394/96, a educação especial é uma modalidade educacional que se constitui por meio de um conjunto de recursos e serviços

educacionais especiais [...].

Nesta direção a escola e a família têm um papel de grande responsabilidade sobre o que de trabalhar com a criança tendo em vista a realidade escolar, claro que a mesma não terá o mesmo desempenho que todos, porém, em atendimento extra classe em sala especial, consegue um avanço considerável.

Quanto à família, esta necessita de consciência dos direitos da criança, portanto, é função da mesma deixar que o filho freqüente a escola regular.

Segundo Pontes (2008), em seu artigo para revista inclusão, deixar que o aluno só freqüente instituições especializadas.

[...] implica na violação do direito fundamental à educação, fato este de extrema gravidade. Impedir o seu exercício pleno implica em condená-lo a viver à margem da sociedade, privando do crescimento pessoal que apenas o convívio social, neste caso na escola com ampla variedade cultural é capaz de oferecer. (2008, p. 44)

O documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria Ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007, nos mostra que:

A educação especial direciona suas ações para o atendimento às especificidades desses alunos no processo educacional, e no âmbito de uma atuação mais ampla na escola, orienta a organização de redes de apoio, a formação continuada, a identificação de recursos, serviços e o desenvolvimento de práticas colaborativas. (Revista Inclusão, 2008, p.15)

Nesse sentido, a escola comum deve ter um currículo adequado para que atenda a todos os alunos, fazendo referências e ligação das diferenças, sendo que estas devem ser previamente respeitadas e analisadas. A escola precisa prever em sua organização, métodos, técnicas, material de ensino diferenciado, sala de recursos multifuncionais para alunos deficientes. E sem dúvida a escola deve conter um profissional capacitado, para que tenha atendimentos necessários para o desenvolvimento desse aluno.

Em se tratando do ensino aprendizagem na escola regular, a Política Nacional de Educação Especial (2008), deixa claro que os problemas de aprendizagem de alunos na escola, apresentam-se como um contínuo, que requer o uso de recursos ou técnicas especiais para que seja viabilizado o acesso dos alunos, ao currículo da escola. O que nos leva a entender que é previsto em lei a adequação do currículo de acordo com a clientela que a escola recebe. É colocado ainda que “atender a esse

contínuo de dificuldades requer respostas educativas adequadas que abrange graduais e progressivas adaptações de acesso ao currículo e aos seus elementos” (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, ADAPTAÇÕES CURRICULARES, 1998, p. 33)

Percebe-se aí que a escola precisa trabalhar de acordo com as necessidades do aluno, e assim contribuir na formação social do mesmo, para que ele seja capaz de se sobressair na sociedade como um ser humano atuante e consciente, de acordo com as exigências sociais.

Sobre esta questão Pontes afirma que:

O atendimento educacional especializado não pode ser utilizado como aula de reforço. O seu objetivo não é repassar o conteúdo ministrado na classe regular, mas sim possibilitar aos alunos com necessidades educacionais especiais o acesso pleno ao conhecimento, oferecendo os instrumentos necessários para que ele desenvolva todas suas potencialidades, seja no ambiente escolar, seja na vida diária, eliminando-se as barreiras que àqueles alunos têm para relacionar-se com o ambiente externo. (2008, p. 43)

Sabe-se que a sociedade tem se desenvolvido de forma acelerada, com isso, a educação também deve acompanhá-la e renovar-se constantemente em busca de análises da atual situação dos alunos com deficiência. Percebe-se que a Educação Especial necessita de ser ressignificada, para que encontre práticas nas escolas atuais que tenha ligação com a mesma.

Para Menezes e Munhóz (2009), na atual política educacional do país, a educação especial é entendida como uma modalidade de educação escolar que assegura recursos e serviços sociais especiais organizados, objetivando trabalhar determinadas atividades da escola comum.

Nesse sentido, a escola comum se dá de maneira coletiva, ou seja, envolvida com outras instituições e com apoio de um profissional preparado para auxiliar em cada caso específico, pois não adianta inserir o aluno na escola comum e não atender suas necessidades.

A escola comum atual precisa ter sala de recursos multifuncionais, profissional capacitado para atender as necessidades e recursos tecnológicos. Porém, o que se tem percebido é uma grande maioria das escolas sem estrutura organizacional que atenda as exigências e necessidades dos alunos.

Diante desta realidade, cabe às instituições educacionais incentivar aos

docentes a se informarem constantemente, trocar experiências com outros colegas para enriquecer as práticas pedagógicas, para que estas sejam mais criativas, e significativas, respeitando os ritmos de aprendizagem de cada um.

Sem dúvida as dificuldades enfrentadas pelos professores no cotidiano escolar são grandes, mas se estas forem encaradas como desafio e possibilidade de novas aprendizagens no meio profissional, os resultados das interações em sala de aula serão satisfatórios.

4 A INCLUSÃO DO ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN NA CLASSE REGULAR.

A Síndrome de Down é causada pela alteração presença de um cromossomo 21 extra, total ou parcialmente. Acredita-se que poderá ter quatro origens possíveis. Está ligada a doenças congênitas que afetam a capacidade intelectual do indivíduo. Até então é a que mais prevalece e com mais profundidade de estudos.

De acordo com a Wikipédia (http://pt.wikipedia.org/wiki/Síndrome_de_down, acessado em 07-06-2010, às 16:37 h)¹, ela envolve muitas alterações genéticas entre as quais a trissomia do cromossoma 21 é a mais freqüente. É a presença de uma terceira cópia do cromossoma nas células do ser humano afetado.

Os efeitos podem variar de pessoa para outra, dependendo da extensão da cópia extra, do *background* genético, de fatores ambientais e também de probabilidades. Crianças com esta síndrome têm forte tendência a doenças cardíacas, lentidão no crescimento e facilidade em tornarem-se obesas, os dentes tendem a ser pequenos e espaçados irregularmente, as convulsões são mais freqüentes, bem como alterações auditivas e visuais. Pessoas com a Síndrome de Down têm desenvolvimento por vezes mais lento, variando seu atraso no desenvolvimento, entre outros problemas relacionados à saúde.

Tem como característica a combinação de diferenças seja maiores ou menores no corpo. Normalmente o portador da Síndrome de Down possui algumas dificuldades de habilidade cognitiva e desenvolvimento físico, bem como de aparência facial. É diagnosticada normalmente no nascimento.

É importante ressaltar que apesar da aparência física semelhante entre pessoas que tem tal síndrome, o que as caracteriza realmente é a carga genética que herda da família fazendo com que sejam parecidas com alguém da família, seja pai, mãe ou irmãos. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Síndrome_de_down, acessado em 07-06-2010, às 16:37 h). Na década de 1950, quando nascia alguma criança com Síndrome de Down, esta era considerada retardada, incapaz de se desenvolver, e com isto sofria discriminação por parte da sociedade. A família diante do problema não tinha muitas vezes estrutura psicológica e emocional para enfrentar muitas dificuldades. Algumas colocavam os filhos com o em APAEs, ou em outras

¹ http://pt.wikipedia.org/wiki/Síndrome_de_down, acessado em 07-06-2010, às 16:37 h

instituições que pudessem cuidar delas pela vida toda, afastando-as assim, da sociedade para livrar-se do preconceito, trabalho e até mesmo da falta de experiência para lidar com as mesmas. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Síndrome_de_down, acessado em 07-06-2010, às 16:37 h).

Atualmente, com o desenvolvimento de diferentes áreas de conhecimento, e pesquisas mais específicas relacionadas à Síndrome de Down, auxiliam para que se tenha outra visão positiva sobre as pessoas com essa síndrome e a partir daí algumas famílias já a encara com maiores informações vinculadas a medicina, as quais ajudam na aceitação. Entretanto ainda existe grande parte de mulheres que se informadas durante a gestação de que o filho nascerá com a Síndrome, optam por abortar. Isso já foi abordado em assuntos de repercussão nacional, como no caso da novela *Coração de Estudante* exibida em 2002, na qual a personagem Amelinha vivida por Adriana Esteves ao saber que estava grávida de um bebê com síndrome de Down queria realizar um aborto espontâneo, mas por fim decidiu ter o filho, na época, a luta contra o preconceito mostrada na novela incentivou para que empresários investissem na contratação de pessoas com a síndrome.

Também em 2006, de acordo com a Wikipédia (http://pt.wikipedia.org/wiki/Síndrome_de_down acessado em 08-06-2010, às 15:24h)², na novela *Páginas da Vida*, o autor Manoel Carlos abordou o assunto quando coloca no enredo da novela o nascimento de gêmeos no qual uma das crianças é portadora de Síndrome de Down, esta foi rejeitada pela avó, que deixou que a médica vivida pela personagem Helena adotasse a menina. A partir daí foram mostradas cenas de como vivia a menina, de como a médica a tratou, e de que maneira a mesma foi se desenvolvendo, entre outros aspectos, os quais foram de grande relevância para a conscientização das pessoas que assistiam à novela.

A revista *Nova Escola* em sua edição especial de número 11, relatou as experiências dos pais de Joana Mocarzel, a Clara da novela *Páginas da Vida*. A mãe de Joana diz que quando a filha nasceu, eles não tinham muita informação sobre o assunto, buscaram inteirar-se com pais de outras crianças na mesma situação. Com o tempo percebeu que a situação não era tão complicada como pensavam.

O objetivo da revista ao expor o assunto foi discutir que é possível incluir todo

² http://pt.wikipedia.org/wiki/Síndrome_de_down acessado em 08-06-2010, às 15:24h)

tipo de crianças nas classes regulares. “Cavalcante em seu artigo para Revista Nova Escola - edição 11, afirma que a escola não se resume mais a lápis, caderno, caneta, lousa e professor [...]”, isto é a escola de hoje não é somente para um tipo de aluno, mas para todos. Sendo assim, deve-se dispor de todo tipo de material possível para o bom desempenho de toda clientela, uma vez que como afirma a mesma revista, a escola “é o lugar da diversidade, que se reflete na quantidade de recursos, que têm por objetivo fazer o aluno progredir”. (AQUINO, Ruth de, Revista Nova Escola N. 5, 2006, p. 8/11).

De acordo com Weiss e Cruz (2001)

O sujeito que aprende, que está em processo de construção de seu conhecimento, em aprendizagem formal e informal, não é determinado somente pelo seu potencial cognitivo. Ele é constituído na articulação entre seu aparelho biológico, suas estruturas psico-afetiva e psico-cognitiva, nas interações com o meio social do qual faz parte onde está inserido. Entendendo o sujeito aprendente dessa forma, compreendemos suas dificuldades, dentro da pluricausalidade dos fenômenos (...) Weiss e Cruz (2001, p. 42).

Ao se realizar um estudo de caso, na sala de um aluno com essa síndrome, em que a professora é S.M.S que atua no magistério há quatorze anos e há quatro convive com pessoas deficientes na escola, *ela observou-se que o aluno que freqüenta a escola comum, não recebe atendimento educacional especializado, devido o fato da escola não ser adequada para receber a todos os alunos. Porém a educadora que trabalha com o aluno, ao recebê-lo encontrou dificuldades, no entanto, leu bastante sobre a síndrome do educando, neste caso a Síndrome de Down.*

A maior preocupação da professora que trabalham em escolas públicas e com alunos com necessidades educacionais inseridos em turmas comuns, ou regulares, é o cotidiano na sala de aula, pois, as turmas são superlotadas, bastante heterogêneas e os educandos necessitam de atenção dos discentes. Para amenizar o problema trabalha com projetos, em pequenos grupos, assim é possível dar atenção diversificada, atendendo os diferentes níveis de interesse e necessidade. O planejamento da professora, mais do que ser flexível, estar aberto aos desejos, interesses e questionamentos da turma em que está lecionando.

Segundo a professora, *o aluno que apresenta necessidades educacionais, não tem problema de socialização, o que facilita o trabalho dela, porque os colegas gostam de ajudá-lo, uma vez que ele mantém bom relacionamento com todos. Ela trabalha a mesma atividade que é proposta para toda a turma, sem diferenciação, e*

quando ele não consegue resolver sozinho, deixa que um colega o ajude, e se mesmo assim não surtir resultado, a professora o ajuda. Em todas as atividades escolares o educando é inserido, debate expõe idéias e opiniões, o interessante é que tem o respeito de toda turma.

Quando perguntada se a família é parceira da escola, responde com toda segurança: sem dúvida, e que é com a parceria da família, que por sinal é bem informada e estruturada, que o andamento e desenvolvimento do trabalho foi facilitados..

A educadora afirmou que o aluno não recebe atendimento especializado no momento, mas de acordo com a família já teve acompanhamento de fonoaudiólogo durante oito meses e ludoterapia nesse mesmo período, isso graças ao empenho dos pais que buscaram.

Segundo a professora governo deveria investir bem mais nessa área, não somente oferecendo cursos gratuitos, mas valorizando o empenho do professor em se desdobrar numa sala de aula, por se preocupar em inseri-la no mundo.

Questionando sobre a participação da família do aluno, a professora disse que é muito bem inteirada e consciente da situação do filho, embora, confirmasse que quando ele nasceu e o médico diagnosticou a Síndrome de Down, sentiram-se perdidos. A mãe confessou que se fosse hoje, não teria envelhecido tanto. Pois na época foi para Belo Horizonte procurar recursos, tratamentos e informações que na sua região não havia. Atualmente sente-se tranqüila, sabe que o filho se desenvolverá de acordo com suas capacidades, e que pode perfeitamente levar uma “vida normal” como as outras crianças.

Pelo que se pode perceber, a criança com Síndrome de Down, desenvolve habilidades e competências de maneira mais lenta. Porém conseguem seu lugar na sociedade, ou seja, emprego, construir família, entre outras conquistas.

É visível que a criança que tem essa síndrome tem capacidades, basta que se trabalhe de forma adequada com ela, que a estimule e a envolva. Para tanto é necessário que o educador adote metodologias que favoreça a aprendizagem, leve para sala de aula jogos pedagógicos, que desafie o aluno, que valorize seus avanços, que o faça sentir-se amado e capaz.

No processo avaliativo, deve ser considerada cada conquista diária, esta deve acontecer a todo momento, sem medir conhecimento, mas sim a qualidade com que este acontece.

O educador precisa assumir postura de alguém comprometido com o ensino, buscando apoio, informações, ser reflexivo, fazer realmente a mudança e diferença na vida do educando. Valorizar a especificidade de cada um, seus anseios, necessidades, sonhos e o desejo de aprender.

Na prática escolar é de incumbência do educador criar estratégias para chamar atenção dos alunos ao se trabalhar determinados conteúdos, o que mostra que o docente tem que ser criativo, buscar e até mesmo criar materiais e formas de despertar a concentração dos discentes, uma vez que com essas estratégias eles vão expondo dúvidas, conhecimentos prévios, fazendo questionamentos que ajudarão a desenvolver a aula automaticamente.

Nesta direção, observa-se que a aula não tem que necessariamente ser planejada nos mínimos detalhes, embora haja a necessidade de se traçar os caminhos que se vai percorrer, bem como os materiais e recursos necessários. Isso não tira a necessidade de se planejar, só mostra que quando se constrói um planejamento prevendo tempo e o que fazer sem fugir do previsto, limita-se também a aquisição de conhecimentos e descobertas por parte dos alunos.

Todo esforço por parte do educador, aluno e família são fundamentais para o bom desempenho escolar da criança, mas a escola deve disponibilizar sala de recursos multifuncionais para se trabalhar com o aluno em questão. Esta por sua vez, deve se encontrar em local apropriado, receber assistência pedagógica necessária, possuir materiais didáticos específicos às necessidades do discente, também ter tecnologias acessivas que enriqueçam e ajudem bastante o trabalho do professor, que por sua vez necessita estimular, oferecer oportunidades, carinho, atenção, respeito deixando que o aluno vivencie novas experiências, permitindo seu desenvolvimento, considerando sua deficiência e explorando suas habilidades.

Segundo Cavanellas (2000, p. 18), quando a família participa, muda a percepção em relação à diferença; “incluindo a criança, inclui-se também a família, até então excluída e excludora”.

Diante de tudo que foi colocado em relação à criança com Síndrome de Down, sobre a função da escola, família e professor pode-se afirmar que os profissionais da educação fazem a diferença no processo de aprendizagem da criança. Pois através de materiais e da criatividade, transforma o ambiente educacional e torna-se mediador na construção do conhecimento.

Embora encontre muitas dificuldades para incluir de maneira mais

enriquecedora o aluno com deficiência, é relevante considerar que grande parte do professorado tem se empenhado bastante. Mas tudo poderia surtir maior resultado se todas as escolas contassem com um currículo flexibilizado, material de apoio, sala de recursos, e profissionais especializados para dar suporte aos trabalhos docentes, e oferecer de fato uma educação de qualidade para todos, como prega as políticas educacionais.

O trabalho do professor é fundamental para o bom desempenho educacional do discente. Mas conforme o que se pode observar no estudo de caso, embora educadores se esforce para dar o melhor de si, encontram dificuldades como a falta de um currículo de acordo com a realidade escolar local, sala de recursos, material de apoio e profissional especializado para dar suporte no processo de ensino aprendizagem.

De acordo com a professora, questionando sobre a sala de recursos, ela disse que *é uma escola de boa qualidade onde todos os professores são pedagogos e gostam de trocar experiências, então quando um faz ou propõe uma atividade diferente que tenha resultado satisfatório, aquele divide o novo saber com os demais, porém não possui sala de recursos para trabalhar com alunos com Síndrome de Dawn.*

Diante dos desafios enfrentados, vale ressaltar que ainda existem instituições educacionais que optam por organizar turmas chamadas homogêneas, entretanto em turmas heterogêneas, por meio da interação de idéias a aprendizagem acontece de maneira significativa, interativa e sem tantas complexidades, não colocando em risco a integridade física e psíquica do educando.

No processo de ensino e aprendizagem cabe ao educador valer-se de métodos e estratégias cabíveis a cada situação encontrada, porque toda criança independente de ter deficiência ou não, tem seu tempo e particularidade para aprender, só precisa desenvolver um conjunto de interações e ser encorajada para desenvolver suas capacidades.

De acordo com a docente ela sempre utiliza recursos tecnológicos em sala de aula para facilitar o trabalho com o aluno em questão. Ela disse: *sempre que necessário utilizo o vídeo, a televisão, filmadora e máquina digital todas as vezes que apresentam trabalho ou confeccionam algum material nas aulas, porém utilizo com toda a turma e ao final do mês ou se for um Projeto, no encerramento toda a turma assiste às imagens. A escola possui laboratório de informática, mas ainda não*

temos o professor habilitado na área.

O aspecto emocional do ser humano interfere em seu rendimento escolar, isso já foi comprovado através de pesquisas científicas. Diante desta realidade, confirma o fato de que o aluno com Síndrome de Down depende da afetividade seja dos pais ou educadores para desenvolver-se, não por sua especialidade, mas como uma necessidade que o ser humano tem de sempre ser encorajado, valorizado e estimulado.

Em relação ao mencionado acima, percebe-se a importância do educador refletir sobre suas atitudes e práticas pedagógicas, estas devem ser voltadas para o desempenho intelectual desses alunos e nos relacionamentos com os colegas e todos os profissionais da escola. Neste sentido, há que se pensar na organização da sala de aula, que precisa ser um ambiente prazeroso, que favoreça a interação e o desempenho satisfatório.

Ao concluir este trabalho, entende-se que a cada dia são encontrados novos desafios. Os avanços no processo educacional têm sido significativo para amenizar a exclusão social que muitas pessoas enfrentam, a mídia tem importante função também nesse aspecto.

Cabe então a cada profissional e a cada ser humano, ciente da importância de se ter um olhar diferente e comprometer-se com a mudança. É preciso oferecer às crianças oportunidade de aprender com significado e condições para que se desenvolva através do contato com o meio social a diversidade cultural relacionada a condições semelhantes das que irá vivenciar fora da escola, formando-se assim um cidadão preparado para a vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Portador de Síndrome de Down durante muito tempo sofreu e ainda sofre discriminações por parte da sociedade, como foi mencionado no capítulo anterior. Porém atualmente o assunto tem sido tratado com maiores informações sendo expostas, como é o caso de exposições na mídia, especificamente em novelas, também comentado anteriormente.

Atualmente a mesma sente mais segura, uma vez que diante das informações que buscou, sabe que o filho desenvolverá diante de suas limitações e capacidades, assim como, estar inserido no meio social e viver como qualquer outra criança.

No que se refere ao desenvolvimento escolar, a criança com a Síndrome de Down aprende de forma mais lenta, no entanto apresenta capacidades cognitivas que se trabalhada de maneira criativa e dinâmica os resultados aparecem naturalmente. Para tanto, depende muito do empenho do professor, que necessita usar toda sua afetividade, pois tais alunos exigem carinho, atenção, companheirismo, estímulo, confiança, enfim toda uma metodologia voltada para o mesmo, que seja desafiadora que considere seus avanços e mostre que é capaz.

A família, como mencionado no estudo de caso, é fundamental para esta criança, visto que a maneira com que convive, é primordial para seu desenvolvimento de um modo geral. A criança jamais pode ser tratada de maneira diferente dos irmãos, do contrário, torna-se difícil a convivência social do mesmo, uma vez que essa se inicia já em casa, que é o primeiro ambiente social em que tem o primeiro contato.

A parceria da família com a escola também é de grande valia para o desenvolvimento cognitivo e intelectual da criança. É preciso interação, colaboração e consciência da situação escolar do filho. Quando solicitados, os pais devem colaborar no que for necessário para não prejudicar todos os envolvidos.

Cabe à família e escola, compreender que a criança portadora de Síndrome de Down hoje em dia, pode viver normalmente a dificuldade no início existem, porém, podem ser superada através de informações e antes de qualquer coisa, aceitação, pois muitas vezes a própria família discrimina a criança por não aceitar sua condição.

Sabe-se que em se tratando do ensino escolar, há muito que ser conquistado, pois como mostra o estudo de caso, ainda existe escola que não tem preparo para suprir as necessidades da criança com essa síndrome, visto que não conta com profissionais especializados para trabalhar especificidades do aluno. Muito ainda deve ser conquistado nesse sentido.

Ao concluir este trabalho, entende-se que, a cada dia são encontrados novos desafios. Os avanços no processo educacional têm sido significativo para amenizar a exclusão social que muitas pessoas enfrentam. A família e a escola também são relevantes nesse aspecto, pois através de informações, podem conscientizar e informar muitas pessoas com dificuldades em aceitar tal situação.

Cabe então a cada profissional e a cada ser humano, ciente da importância de se ter um olhar diferente e comprometer-se com a mudança. É preciso oferecer às crianças oportunidade de aprender com significado e condições para que se desenvolva através do contato com o meio social a diversidade cultural relacionada a condições semelhantes das que irá vivenciar dentro e fora da escola, formando-se assim um cidadão preparado para a vida.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MEC. SEESP. Lei n. 9394/96 de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, n. 248, 23 de dez. De 1996.

_____. MEC. SEESP **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília: SEESP. 1994.

_____. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos**: plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem. UNESCO, Jomtiem/Tailândia, 1990.

_____. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: UNESCO, 1994. BRASIL. MÊS. SEESP. Revista **INCLUSÃO** (edição especial), v. 4. nº 1. Janeiro/Junho 2008.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Promulgada em 05/10/1988.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Adaptações Curriculares** - estratégias para a educação de alunos com necessidades educacionais especiais. Brasília, MEC/SEF/SEESP, 1999.

CAVANELLAS, Luciana Bicalho. **Psicologia e Compromisso Social**; Educação inclusiva: Desafios, limites e Perspectivas – **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, nº 1, 2000, pág.18 – 23.

Curso de Especialização à distância em Educação Especial: **Déficit Cognitivo e Educação de Surdos**: módulo I/ Ana Cláudia Pavão Siluk. (et all). Santa Maria: UFSM, CE, 2008.

Livro Educar na Diversidade, Material de Formação Docente, **O enfoque da educação inclusiva**, p.36 - Brasília- DF. 2007. Disponível no site: <http://inclusaonaeducacao.pbworks.com>. Acesso dia 08/06/2010.

Revista Nova Escola Edição Especial: **Inclusão**. Edição Especial nº 11. Outubro, 2006.

Revista Educacional Especial. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília, 2008, página 07 a 17.

Revista Projeto Incluir. Caderno de textos para formação de professores da Rede Pública de Ensino de Minas Gerais. Livro 2, Belo Horizonte, 2006.

Revista Nova Escola, **Normal é ser diferente**: O desafio de inclusão das crianças com Síndrome de Down, n. 05, outubro de 2006.

SASSAKI, R. K., **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. 4 ed. Rio de Janeiro: WVA, 2002

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Síndrome de down](http://pt.wikipedia.org/wiki/Síndrome_de_down) (acessado em 07-06-2010)

http://blog.sherlis.com.br.zip.net/arch2006-03-19_2006-03-25.html (Acessado em 08-06-2010)

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Páginas da Vida](http://pt.wikipedia.org/wiki/Páginas_da_Vida) Acessado em 08-06-2010

http://www.google.com.br/#hl=ptBR&q=política+nacional+de+educação+especial%2C+Brasil%2C+Mec%2C+1994&aq=f&aql=&oq=&gs_rfai=ifp=82e69814a33df916 (Acessado em 14/06/2010)

ANEXOS

ANEXO A

Entrevista com a professora de uma Escola Estadual no Município de Divinolândia de Minas.

- 1** - De acordo com sua visão, o que é Educação Especial?
- 2** - Como ela acontece na escola em que leciona?
- 3** - Qual a diferença entre Educação Especial e Educação Inclusiva?
- 4** - Qual é a necessidade especial de seu aluno?
- 5** - De que maneira você trabalha com o aluno portador de necessidade especial?
- 6** - A família de seu aluno é parceira da escola?
- 7** - A escola em que atua possui sala de recursos?
- 8** - Você utiliza recursos tecnológicos em sala de aula para facilitar o trabalho com o aluno em questão? Quais recursos?
- 9** - O aluno mencionado recebe atendimento especializado? Explique
- 10** - Para você, quais são dos desafios da Educação Especial hoje no Brasil?

ANEXO B

Entrevista com a mãe do aluno portador de Síndrome de Down.

1 – Em que ano seu filho nasceu?

2 - Como foi sua gravidez até o parto?

3 - Qual é a necessidade especial de seu filho?

4 - Como você se sentiu ao descobrir que seu filho é portador de Síndrome de Down?

5 – A partir dessa descoberta, que atitude tomou?

6 – Teve muitas informações sobre o assunto?

7 - De que maneira você lida com seu filho no cotidiano?

8- Que conselho daria para uma mãe que na atualidade se deparasse na mesma situação que a sua?

9 – Como é a relação da família e a escola?